XXXIII Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

AS CONSEQUÊNCIAS DO DIAGNÓSTICO PARA A FAMÍLIA DE ESCOLARES COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LINGUAGEM ESCRITA E LEITURA

Palavras-Chave: FONOAUDIOLOGIA, FAMÍLIA, DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Autores(as):

GEOVANA DE OSTI FERNANDES, FCM – UNICAMP

Prof(ª). Dr(ª). IRANI RODRIGUES MALDONADE (orientadora), FCM - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

É no convívio familiar que acontecem os primeiros aprendizados, desde os hábitos, costumes e tradições culturais herdados de geração em geração, até o desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, a presença da família no processo de aprendizagem torna-se essencial, conforme aponta Souza et al. (2023), pois é no ambiente familiar que a criança encontra estímulos que contribuem diretamente para o desenvolvimento da sua autonomia.

Já o nascimento de uma criança com problemas representa uma transformação profunda na vida da família, marcada pela quebra de expectativas e sonhos idealizados para o futuro do filho. A intensidade desse impacto varia conforme a dinâmica interna familiar e o significado que cada membro atribui a essa nova realidade, como destaca Brunhara et al. (1999). Segundo Nascimento Givigi (2015), após o reconhecimento das dificuldades de aprendizagem de um filho, a família também tem um papel fundamental. Ela é o primeiro núcleo social a ser profundamente impactado pelo nascimento de uma criança com alterações, a primeira a buscar respostas em diferentes setores da sociedade e a última a enfrentar suas consequências ao longo da vida, de acordo Cavalcante (2001).

Dessa forma, Neta et al. (2022) afirmam que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, quando não identificadas e acompanhadas desde a infância, podem se prolongar por toda a vida, impactando negativamente o desenvolvimento pessoal, familiar, social e cultural. Por isso, é fundamental abordar essas dificuldades de forma sensível e abrangente, buscando compreendê-las em sua complexidade.

Por isso, Costa et al. (2016) destaca que o suporte dos familiares tem grande importância, refletindo diretamente no desempenho e desenvolvimento da criança com distúrbios e/ou dificuldades. É por meio desse apoio que a criança encontra seu senso de pertencimento. Assim, é fundamental construir um ambiente familiar baseado na confiança, para assim gerar um impacto positivo no desempenho escolar infantil.

Portanto, este estudo teve como objetivo geral compreender as consequências do diagnóstico (ou confirmação das queixas) de dificuldades de aprendizagem para as famílias. Especificamente, buscou-se: conhecer as concepções dos responsáveis sobre o processo de aquisição da leitura e escrita; identificar as principais queixas e a idade em que surgiram; compreender o percurso até o diagnóstico e as reações familiares; analisar as mudanças na dinâmica familiar após a confirmação das dificuldades, investigando as formas de apoio adotadas pelas famílias, bem como suas expectativas em relação ao desenvolvimento das crianças.

METODOLOGIA:

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter etnográfico, feito a partir da análise de dados de abordagem linguístico-discursiva. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, no dia 02 de julho de 2025, sob o número do CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética): 89231625.0.0000.5404.

Para a coleta de dados, os pais e/ou responsáveis por 6 crianças com dificuldades de aprendizagem foram convidados pela pesquisadora a participar do estudo na sala de espera do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O.S. Porto” (CEPRE), enquanto as crianças eram atendidas. Aqueles que demonstraram interesse foram conduzidos pela pesquisadora até uma sala de atendimento, onde foi explicada a pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a assinatura do termo, as entrevistas foram realizadas, com duração aproximada de 20 a 30 minutos. As entrevistas foram áudio-gravadas no celular da pesquisadora, garantindo privacidade aos participantes. Posteriormente, os arquivos foram transferidos para o HD da pesquisadora e os trechos relevantes foram transcritos pela aluna responsável.

Os participantes da pesquisa foram identificados como: Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), e assim sucessivamente para não identificar os participantes. Vale destacar que a pesquisa foi realizada no ambulatório de Avaliação e Terapia Fonoaudiológicas, devido à suspensão temporária dos atendimentos do estágio de Leitura e Escrita no ano de 2025, por conta da alteração da grade curricular do curso de graduação em Fonoaudiologia.

As entrevistas foram realizadas individualmente pela pesquisadora, com base em um roteiro semi-estruturado, abordando temas como: os efeitos do diagnóstico (e/ou da confirmação das dificuldades de aprendizagem) na dinâmica familiar; os primeiros sinais e/ou sintomas identificados; o percurso até o diagnóstico; os tratamentos realizados; e as perspectivas das famílias frente à situação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise dos dados evidenciou que os responsáveis pelas crianças são, em sua maioria, mães (83,3%), com idades entre 29 e 51 anos, com uma média de idade de 39,8 anos. A escolaridade dos participantes variou desde o Ensino Fundamental Incompleto ao Ensino Superior Incompleto, com distribuição equilibrada. As famílias das 6 crianças com dificuldades de aprendizagem são nucleares, sendo uma adotiva. A maioria reside em lares de três a cinco integrantes. As crianças têm entre 7 e 13

anos, com média de idade de 10,5 anos. A maioria (66,7%) está na faixa etária de 11 a 15 anos, enquanto 33,3% têm entre 6 e 10 anos.

Nenhum participante apresentou concepção teórica sobre o processo de aquisição de leitura e escrita, e sim sobre experiências práticas com os filhos. As dificuldades mais recorrentes relatadas foram: não reconhecimento de letras e números, alterações fonológicas, leitura lenta, dificuldade de compreensão da leitura e ausência de progresso, mesmo após a escolarização. As justificativas para as dificuldades das crianças incluíram desde a “preguiça” até a ausência de estímulo escolar adequado, dificuldades cognitivas e impacto da linguagem oral (v. Tabela 1). Os primeiros sinais foram percebidos majoritariamente no 1º ano do Ensino Fundamental (50%), na primeira infância (33,3%) ou ainda após a primeira infância (16,7%).

Para Cruz et al. (2016) algo comum no discurso dos pais e/ou responsáveis é a percepção de que as dificuldades das crianças começaram a surgir no ambiente escolar, e que após a identificação do problema, passaram a buscar ajuda e seguir orientações dos especialistas.

Em relação a quem suspeitou das dificuldades dos filhos, em 66,7% dos casos, foi relatado ter sido a escola. As reações emocionais das crianças e a dissociação entre copiar textos e compreendê-los também chamaram a atenção das famílias. Com base nos relatos os sentimentos de culpa, impotência, tristeza, medo, angústia, preocupação, cansaço, alegria, orgulho, realismo e felicidade foram citados por 16,7% dos participantes cada, podendo haver mais de um sentimento por participante. A esperança foi mencionada por 66,7% dos participantes, e o alívio por 33,3%. Além disso, 33,3% relataram dificuldades e limitações no acesso ao sistema público de saúde e educação, destacando os obstáculos enfrentados para obter atendimento e suporte adequado (ver os trechos relatados dos participantes na Tabela 2).

Para Brunhara et al. (1999), a família busca formas de se adaptar à nova situação, desenvolvendo duas principais maneiras de lidar com a informação: enfrentar e reagir. Enfrentar envolve fazer o que é preciso para resolver os desafios e seguir adiante, enquanto reagir diz respeito às emoções, que vão da confusão ao medo de não conseguir lidar com a situação. Nesse contexto, é comum o surgimento de sentimentos como choque, medo ao reconhecer a deficiência, além da dor e ansiedade sobre as consequências futuras. Os responsáveis também enfrentam sentimento de perda, desapontamento, frustração e raiva.

Sobre as mudanças na dinâmica familiar após o início do acompanhamento terapêutico, a maioria das famílias (66,7%) relatou mudanças, com maior envolvimento nas atividades escolares, apoio emocional e incentivo à autonomia das crianças. As orientações recebidas pelos terapeutas, tais como, as práticas de como ler para a criança, escutar suas leituras, participar de momentos de lazer, acompanhar as tarefas escolares, demonstrar interesse pela vida escolar e supervisionar as relações interpessoais são atitudes que tendem a favorecer o desenvolvimento infantil. Costa et al. (2016) afirma que atividades promotoras da autonomia e da liberdade de expressão emocional dentro do ambiente doméstico contribuem para o processo de aprendizagem.

Embora alguns participantes tenham relatado que a escola realizou encaminhamentos e, em certos casos, tivessem professor de educação especial, os dados indicam que não houve um apoio institucional estruturado e contínuo, contando com acompanhamentos formais, recursos adicionais ou articulação com outros serviços públicos. Em relação às expectativas sobre o futuro das crianças, as respostas foram positivas em 100% dos casos, com destaque para o desejo de melhora no desempenho escolar e desenvolvimento da autonomia (ver os trechos relatados dos participantes na Tabela 3).

Tabela 1 - Justificativas atribuídas às dificuldades de leitura e escrita

Justificativa atribuída às dificuldades	**Porcentagem de participantes (n=6)**
“Preguiça” por parte da criança	16,7%
Processo da linguagem escrita e leitura desafiador (dificuldades cognitivas, como PAC)	16,7%
Processo tardio e cheio de obstáculos	16,7%
Período tenebroso, muito difícil	16,7%
Dificuldades na linguagem oral impactaram leitura e escrita	16,7%
Filhos considerados “copistas”	33,3%
Dificuldade associada à ausência de estímulo escolar adequado	33,3%

Tabela 2 - Discursos dos participantes a respeito dos sentimentos

Participante	**Trecho exemplificado**
P1	“Como a gente já tava buscando entender né… então pra nós foi entre aspas um **alívio** de você saber que não era preguiça, mas também o começo de uma luta pra ajudar ela.”
P4	“Antes era de **culpa**, agora eu sei que eu posso ajudar ela… o sentimento de agora é… tenho **esperança** que ela vai melhorar, vai conseguir”
P5	“Agora eu **tô muito feliz**, porque… ela tá tirando notas boas, não fica de recuperação… por causa da leitura né, porque ela conseguiu ler”

Tabela 3 - Discurso dos participantes a respeito das expectativas

Participante	**Trechos exemplificados**
P1	“Que com toda a ajuda que ela tá tendo.. **ela consiga acompanhar mais rápido os amigos** […] e eu espero que ela consiga mais rápido, não sei quanto tempo vai levar né, mas eu espero que ela consiga acompanhar né.”

P3	"**Vou pegar no pé dele até fazer dar certo**… não tem outra escolha, vou fazer dar certo… tem que dar certo."
P5	"Eu já vejo que ela tá melhorando muito, e eu **espero que ela continue melhorando** mais, que ela consiga falar direitinho, ler melhor… agora ela mesmo tem que se esforçar cada vez mais pra conseguir né, fazer as atividades."

CONCLUSÕES:

A pesquisa evidenciou que todas as famílias participantes enfrentam desafios significativos no processo de aprendizagem da leitura e escrita por parte de seus filhos, com dificuldades percebidas desde a primeira infância, após, ou durante os primeiros anos escolares. Essas dificuldades envolvem aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais e institucionais, como desvios fonológicos, falta de compreensão na leitura, e ausência de suporte escolar adequado.

Apesar de todas as crianças estarem atualmente em atendimento fonoaudiológico no CEPRE, esse acesso não se deu rapidamente. Na maioria dos casos, o encaminhamento partiu da iniciativa de familiares ou professores, o que evidencia falhas no fluxo institucional e na articulação das políticas públicas. Diante disso, os responsáveis assumiram uma postura proativa, buscando alternativas e se envolvendo mais diretamente no processo educativo.

Ademais, os relatos reforçam a importância do acompanhamento especializado, e evidenciam a necessidade urgente de haver mais articulação entre os serviços de saúde e educação, que ofereçam suporte efetivo às crianças com dificuldades de aprendizagem e suas famílias.

BIBLIOGRAFIA

BRUNHARA, Fabíola; PETEAN, Eucia Beatriz Lopes. **Mães e filhos especiais: reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança.** Ribeirão Preto, Paidéia (Ribeirão Preto), v. 9, p. 31-40, 1999.

CAVALCANTE, Fátima. **Família, subjetividade e linguagem: gramáticas da criança" anormal".** Rio de Janeiro, Ciência & Saúde Coletiva, v. 6, p. 125-137, 2001

COSTA, Karina da et al. **Percepção do suporte familiar e desempenho em leitura e escrita de crianças do ensino fundamental.** São Paulo, Revista psicopedagogia, v. 33, n. 101, p. 154-163, 2016.

CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. **O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores.** Botucatu, Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 20, n. 58, p. 703-714, 2016.

DO NASCIMENTO GIVIGI, Rosana Carla et al. **Implicações de um diagnóstico: o que sentem as famílias dos sujeitos com deficiência?**. São Paulo, Distúrbios da Comunicação, v. 27, n. 3, 2015.

NETA, Francisca Sales de Souza; SILVA, Clesia de Lima; COSTA, Daniele de Souza da. **Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita com ênfase na dislexia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano, v. 5, p. 93-116, 2022.

SOUZA, Janaina Silva de et al. **O papel da família na garantia do direito à aprendizagem das crianças da educação infantil durante o ensino remoto em período pandêmico: um estudo a partir do programa rádio escola em Benjamin Constant-AM.** Benjamin Constant, Instituto de Natureza e Cultura (INC), 2023.